

Revista das Ideias-6

LE ROMAN DE LEONARDO DA VINCI, por MEREJWOSKY

Leonardo da Vinci é neste romance o Símbolo da mentalidade da Renascença:—o renascimento do racionalismo, da experiência e do amor págio da Natureza, saindo das brumas místicas da Idade Média. E Leonardo é um símbolo não só porque nêle se definem as tendências gerais do Renascimento, mas ainda por que êle ultrapassa o seu tempo e o seu meio e começa já esboçando as fórmulas do futuro, isto é o pensamento positivo europeu.

Da Vinci é ainda um Símbolo porque nêle se chocam os resíduos da mística e das inquietações da Idade Média com o pensar e o sentir do Renascimento. E êste choque não é outro que não seja o conceito helênico da vida com o conceito patrístico dela. Este conflito atravessa a Renascença, persiste no fundo da civilização heleno-europeia, e vem até aos dias de hoje, em que se torna agudo graças às condições da Crise actual. A concepção patrística recua, a concepção helênica avança, e o conflito exacerba-se; o sentimento e o pensamento europeu, discordes e em desnível, entrecrocaram-se sem conseguir o equilíbrio e a síntese; como disse alguém, a Europa tem um pensamento que satisfaz o seu cérebro sem satisfazer o seu coração, e místicas que satisfazendo o seu coração não satisfazem o seu cérebro. Tanto mais que a satisfação dada aos sentimentos por esta mística histórica não é já completa, e se esvaizia a pouco e pouco de substância, sob a hipertrofia social, ritual e temporal da religiosidade imperante. Novas místicas surgem, outras em caos de formação, se esboçam: na realidade, sob êste germinar de místicas, românticas, patéticas, heroicas e outras, existe um vácuo na emotividade geral; e o problema está, em parte, no preenchimento dêste grande vácuo.

Com um pensamento científico e filosófico cada vez mais definido e positivo, mas cada vez mais afastando-se das filosofias e místicas afectivas e emotivas, a Europa caminha para o estado de tensão que é inerente a todas as crises históricas dêste género; e como outrora no fim da civilização grêga, o pensamento filosófico e a ciência desarticulam-se a pouco e pouco do seu complexo histórico, isto é, da civilização actual, para continuar o fluxo da sua linha histórica, enquanto o complexo se debate nos movimentos de desagregação de uma decadência. Estudaremos êste fenómeno na «Crise Europeia»; notemos por agora que êle é, em parte, o desenvolvimento histórico do conflito que está já esboçado no Renascimento, o qual encontra em Da Vinci o seu principal expoente.

Os personagens com que o autor rodeia Da Vinci são igualmente simbólicos, expoentes, cada um, das forças e tendências em conflito, forças essas, umas que nascem, outras que se definem, outras que morrem:—em volta de Da Vinci finda uma época e nasce uma outra. E é esta movimentação que o autor exprime em símbolos, que são os personagens do seu romance. Este é assim uma forma sugestiva e pitoresca de tornar visível um dos grandes fenómenos da história europeia:—e um auxiliar luminoso para compreender a crise actual.

IL MONDO COME VOLUNTA' DI VITA E COME VOLUNTA' D'ANTIVITA—INTRODUZIONE ALLA FILOSOFIA DELL'ANTIVITA, por S. PAGANI

O autor divide a história humana em quatro Idades, que se assemelham aos «Kalpas» da cosmogonia hindú. Cinco mil anos de infância (A'sia), 2.500 anos de juventude (Europa), 1.500 anos de maturação (América), 1.000 anos de velhice (A'sia). Estamos, pois, no fim da Era juvenil, e a idade adulta aproxima-se: ela vai ter a

sua plenitude na América, depois da qual a humanidade irá agonizar na velha A'sia, onde nasceu.

Esta teoria da história é a base da filosofia pessimista do Antivita. Findará a Ilusão biocêntrica, e despontará no horizonte o princípio do Antivita, princípio que definirá, no século XXX, a agonia da humanidade na velha A'sia.

Tal morte não será desolada; «eutanásia» findará numa apoteose, «mesto é sereno, limpo é profundo» (Carducci).

Esta obra, caracterizada, como diz Romain Rolland, por uma certa grandeza, é um exemplo típico das construções puramente artificiais. Simple jogo do espirito humano, colorido por pseudo-ciência, é um tipo de filosofia psicológica; nada exprime de objectivo, e apenas tem o valor de um romance. Poder-se-ia construir o contrário, com a mesma facilidade, da mesma forma que se podem construir várias geometrias. A relação com o Real, que só a experiência pode definir, fica completamente indeterminada.

É uma fantasia poética. Mas como todas as obras do mesmo tipo vale como expoente dos estados afectivos. Romain Rolland definiu-a bem dizendo: «Jeu de l'esprit. Indice du temps. Mélancholie d'un jour qui meurt, de l'humanité. Avec le jour nouveau, renaitra l'espoir illimité». (Journal d'après guerre, Extraits, Clarté 1937, N.º 12)

Com efeito, tal teoria da História e tal Filosofia exprimem apenas em forma simbólica o estado de alma do autor, que é por seu turno um exponencial dos sentimentos gerais da época. Fornece-nos assim uma exemplificação típica das filosofias contemporâneas do tipo emotivo, devendo figurar ao lado das filosofias patéticas, românticas, heroicas, místicas e outras que caracterizam a crise actual. Pagani e a sua filosofia do Antivita é assim um documento característico da mentalidade actual, que teremos de examinar com mais detalhe na «Crise Europeia».

Entre a filosofia do Antivita de Pagani e uma filosofia da inquietação de Heidegger não há senão uma diferença de tonalidade emotiva; sob o ponto de vista geral, são absolutamente idênticas. Importa pouco que a tais construções se chame ou não fi-

losofia; o que importa é saber que tais criações pertencem ao campo da Arte e não ao da Ciência; não representam qualquer conhecimento nem progresso no conhecimento, mas apenas a objectivação de estados de alma, individuais ou colectivos. Seus princípios, métodos e fins são totalmente diferentes da verdadeira filosofia, a filosofia científica. Apenas a elasticidade da palavra *filosofia* e o carácter flutuante do seu emprêgo faz com que a coisas tão diferentes se dê a mesma designação. Para evitar a anarquia intelectual bastará, pois, separar, com clareza aquilo que é essencialmente diferente; e pois que o termo filosofia continua com duplo emprêgo, convém insistir na diferenciação a estabelecer entre filosofia científica e filosofia emotiva, literária, psicológica, ou como se lhe queira chamar. A melhor forma de nos habituarmos a esta metodização é apresentar exemplos típicos, como são as concepções de Pagani e de Heidegger aqui referidas. A verdadeira confusão é estabelecida por aquêles sistemas que, como o de Bergson, sendo essencialmente psicológicos, se apresentam com uma aparência científica, ou daquelas obras que, tendo uma base científica, deslizam num dado momento para o campo psicológico.

Insistámos em que, estabelecer tais diferenças, não é negar nem o direito que as filosofias emotivas têm à existência, nem o seu interesse, mas apenas limitar-lhe o campo e definir-lhe o carácter. Todos os «pessimismos» e «otimismo», todos os «eticismos», e coisas análogas são filosofias emotivas; a filosofia científica não tem jámais «carga» emotiva, seja positiva seja negativa; tais filosofias valem, pois, sempre, apenas, e sómente, como obras de arte e como exponenciais de estados de alma.

LEITOR:

Comprando os teus livros por nosso intermédio—auxilias "Sol Nascente", na edificação da sua vida administrativa.